

O OUTRO MINISTRO

ERA quase meia-noite, e o Primeiro-Ministro estava sentado sozinho no seu gabinete, lendo um extenso memorando que se lhe ia varrendo do cérebro sem deixar atrás de si o mais pequeno vestígio de significado. Aguardava a todo o momento o telefonema do presidente dum país muito longínquo, e enquanto se perguntava quando telefonaria o maldito homem e tentava reprimir as recordações duma semana que se revelara muito comprida, cansativa e difícil, não havia lugar para muito mais dentro da sua cabeça. Quanto mais se esforçava por se concentrar na página impressa que tinha à sua frente, mais claramente o Primeiro-Ministro via a expressão de regozijo dum dos seus opositores políticos. O opositor em questão surgira nos noticiários nesse mesmo dia, não apenas para enumerar todos os terríveis acontecimentos que tinham marcado a última semana (como se alguém precisasse de que lhos recordassem), mas também para explicar por que razão a culpa de todos eles cabia ao governo.

A pulsação do Primeiro-Ministro acelerou só de pensar naquelas acusações, pois não eram nem justas nem verdadeiras. Como poderia o governo ter impedido que aquela ponte se desmornasse? Era escandaloso que alguém se atrevesse a sugerir que não destinavam fundos suficientes às pontes. A ponte tinha menos de dez anos, e os peritos mostravam-se incapazes de explicar como é que se tinha partido exactamente ao meio, levando uma dúzia de carros a mergulhar nas profundezas do rio que passava por baixo. E como é que alguém tinha a ousadia de sugerir que fora a falta de policiamento a responsável por aqueles dois homicídios tão revoltantes e tão divulgados? Ou que o governo deveria ter arranjado maneira de prever o ciclone que assolara a zona ocidental do país e que tantos danos causara a pessoas e bens? E seria culpa dele que um dos seus secretários de estado, Herbert Chorley, tivesse escolhido precisamente aquela semana para exhibir um comportamento tão estranho ao ponto de agora se ver obrigado a passar muito mais tempo com a família?

«O país encontra-se mergulhado num estado de espírito soturno», concluíra o opositor, mal conseguindo conter um largo sorriso de satisfação.

E, infelizmente, isto era a mais pura das verdades. O próprio Primeiro-Ministro o sentia; as pessoas apresentavam de facto um ar mais carregado que o habitual. Até o tempo andava deprimido; todo aquele nevoeiro frio em meados de Julho... não estava certo, não era normal...

Virou a segunda página do memorando, viu quantas é que ainda lhe faltavam e deu o caso por perdido. À medida que esticava os braços acima da cabeça, olhou em seu redor com ar pesaroso. Tinha um belo gabinete, com uma linda lareira de mármore virada de frente para as amplas janelas, firmemente fechadas para o resguardarem do frio fora de época. Com um ligeiro arrepio, o Primeiro-Ministro levantou-se e aproximou-se das janelas, olhando para o nevoeiro esparsos que se comprimiam contra o vidro. Foi então, enquanto se encontrava de costas voltadas para a sala, que ouviu uma leve tossidela atrás de si.

Ficou petrificado, com o nariz colado ao do seu reflexo assustado na vidraça escura. Conhecia aquela tossidela. Já a tinha ouvido antes. Virou-se, muito devagar, e deparou-se com uma sala vazia.

— Está aí alguém? — indagou, esforçando-se por mostrar mais coragem que aquela que sentia.

Por um breve instante, permitiu-se a esperança ilusória de que não fosse obter resposta. Contudo, alguém lhe respondeu de imediato, uma voz nítida e determinada que soava como se estivesse a ler uma declaração previamente preparada. Provinha (tal como o Primeiro-Ministro percebera à primeira tossidela) do homenzinho com um grande bigode prateado que fazia lembrar uma rã, representado numa pequena e suja pintura a óleo mesmo ao fundo do gabinete.

— Ao Primeiro-Ministro dos Muggles. Encontro urgente. Por favor, responda de imediato. Atenciosamente, Fudge. — O homenzinho do retrato olhou para o Primeiro-Ministro com ar inquiridor.

— Hã — disse o Primeiro-Ministro —, ouça... não é muito boa altura para... Estou à espera dum telefonema, compreende... do presidente do...

— Isso resolve-se — retorquiu o retrato de imediato. O coração do Primeiro-Ministro caiu-lhe aos pés. Estava com receio disso mesmo.

— Mas eu estava mesmo com uma certa esperança de falar...

— Vamos tratar de tudo para que o presidente se esqueça de lhe telefonar. Vai ligar-lhe amanhã à noite — disse o homenzinho. — Tenha a gentileza de responder já a Mr. Fudge.

— Eu... oh... muito bem — acedeu o Primeiro-Ministro com voz débil. — Pronto, eu recebo o Fudge.

Voltou a correr para a secretária, ajeitando a gravata pelo caminho. Mal tinha acabado de se sentar e de compor a expressão, dando-lhe o que esperava ser um ar descontraído e imperturbável, quando viu chamas verdes e brilhantes ganharem vida na grelha vazia por baixo da lareira de mármore. Pôs-se a contemplá-las, evitando deixar transparecer um laivo sequer de surpresa ou choque, enquanto um homem imponente surgia por entre as chamas, girando tão depressa como um pião. Passados segundos, já se encontrava sobre o tapete antigo e bastante valioso, sacudindo cinza das mangas do seu manto comprido às risquinhas e com um chapéu de coco verde-lima na mão.

— Ah.. Primeiro-Ministro — saudou-o Cornelius Fudge, avançando a passos largos com uma mão estendida. — Que prazer tornar a vê-lo.

O Primeiro-Ministro não podia retribuir o cumprimento sem mentir, por isso não disse nada. Não estava minimamente satisfeito por ver Fudge, cujas aparições ocasionais, à parte de serem por si mesmas francamente assustadoras, em geral significavam que ele estava prestes a receber muito más notícias. Para além do mais, Fudge apresentava um aspecto notoriamente fatigado. Estava mais magro, mais calvo, com o cabelo mais grisalho, e o rosto cheio de rugas. Não era a primeira vez que o Primeiro-Ministro via os políticos com aquele aspecto, que nunca prometia nada de bom.

— Em que o posso ajudar? — interrogou-o, dando um leve aperto de mão a Fudge e indicando-lhe com um gesto que se instalasse na cadeira mais dura em frente da secretária.

— É difícil saber por onde começar — murmurou Fudge, puxando da cadeira, sentando-se e colocando o chapéu de coco verde-lima em cima dos joelhos. — Que semana, que semana...

— Ai a sua também foi má? — indagou o Primeiro-Ministro muito empertigado, esperando dar a entender assim que já tinha preocupações que lhe chegassem e não precisava de que Fudge lhe viesse trazer mais.

— Sim, é claro — assentiu Fudge, esfregando os olhos de cansaço e olhando para o Primeiro-Ministro com ar melancólico. — Eu tenho tido a mesma semana que o senhor, Primeiro-Ministro. A ponte de Brockdale... o homicídio da Bones e da Vance... isto para não falar dos tumultos na zona ocidental...

— O senhor... hã... a sua... quero eu dizer, alguma da sua gente esteve... esteve envolvida naqueles... naqueles acontecimentos, foi isso?

Fudge fitou o Primeiro-Ministro com um ar bastante sério.

— É claro que sim — respondeu. — Com certeza já se apercebeu do que se está a passar?

— Eu... — hesitou o Primeiro-Ministro.

Era precisamente este género de atitude que lhe tornava as visitas de Fudge tão desagradáveis. Afinal de contas, ele era o Primeiro-Ministro e não lhe agradava que o fizessem passar por um ignorante miúdo da escola. Mas, é claro, tinha sido assim desde a sua primeira reunião com Fudge, logo na sua primeira noite enquanto Primeiro-Ministro. Recordava-se como se tivesse sido ontem e sabia que isso o iria atormentar até ao fim dos seus dias.

Encontrava-se sozinho naquele mesmo gabinete, saboreando o seu triunfo depois de tantos anos de sonhos e intrigas, quando ouvira uma tossidela atrás de si, tal como naquela noite, e virara-se, deparando-se com um retrato pequeno e feio a falar com ele, anunciando-lhe que o Ministro da Magia iria chegar a qualquer momento para se lhe apresentar.

Como seria natural, pensara que a longa campanha e o esforço das eleições o tinham conduzido à loucura. Ficara completamente aterrorizado ao dar com um retrato a falar com ele, embora isso não tivesse sido nada quando comparado com o que sentiu no instante em que um autoproclamado feiticeiro saltara da lareira e lhe dera um aperto de mão. Não conseguira pronunciar uma única palavra, enquanto Fudge amavelmente lhe explicava que ainda existiam feiticeiras e feiticeiros por todo o mundo e lhe assegurava de que não precisava de ralar a cabeça com isso, pois o Ministro da Magia assumia a responsabilidade por toda a comunidade de feiticeiros e impedia que a população não-mágica ficasse a saber da sua existência. Era, afirmara Fudge, uma tarefa difícil que abrangia tudo, desde regulamentos para a utilização responsável das vassouras até ao controlo da população de dragões (neste momento, o Primeiro-Ministro recordava-se de se ter agarrado à secretária em busca de apoio). Em seguida, Fudge dera umas palmadinhas algo paternais no ombro do Primeiro-Ministro, ainda estupefacto.

— Não se preocupe — dissera-lhe —, o mais provável é que não torne a ver-me. Só o voltarei a maçar caso algo muito sério aconteça entre nós, alguma coisa susceptível de afectar os Muggles... a população não-mágica, melhor dizendo. De contrário, é viver

e deixar viver. E devo desde já dizer, está a aceitar tudo isto bastante melhor que o seu antecessor. *Ele* tentou atirar-me pela janela, julgava que eu era uma partida que a oposição lhe tinha pregado.

Neste momento, o Primeiro-Ministro conseguira finalmente recuperar a voz.

— Então o senhor... o senhor *não* é uma partida?

Aquela tinha sido a sua derradeira e desesperada esperança.

— Não — respondeu Fudge delicadamente. — Não, receio bem que não. Olhe.

E transformara a chávina do Primeiro-Ministro num gerbo.

— Mas — pronunciou o Primeiro-Ministro ofegante, vendo a chávina a roer a ponta do seu próximo discurso —, mas por que... por que é que ninguém me disse...?

— O Ministro, ou Ministra, da Magia só se revela ao Primeiro-Ministro do momento — explicou Fudge, tornando a enfiar a varinha dentro do casaco. — Consideramos ser a melhor maneira de manter o segredo.

— Mas então — lastimou-se o Primeiro-Ministro —, por que motivo não me avisou o meu antecessor...?

Neste momento, Fudge soltara mesmo uma gargalhada.

— Meu caro Primeiro-Ministro, *o senhor* irá alguma vez contar a alguém?

Ainda a rir a bandeiras despregadas, Fudge atirara um pouco de pó para a lareira, penetrara nas chamas verde-esmeralda e desaparecera com um som sibilante. O Primeiro-Ministro ficara onde estava, praticamente imóvel, e apercebera-se de que, por muitos anos que visse, nunca se iria atrever a mencionar aquele encontro a quem quer que fosse, pois haveria alguém neste mundo disposto a acreditar na sua palavra?

O choque levava algum tempo a desaparecer. Durante algum tempo, tentara convencer-se de que Fudge não passara, na realidade, duma alucinação causada por falta de descanso no decorrer de uma campanha eleitoral esgotante. Numa tentativa vã para se desembaraçar de todas as recordações daquele encontro inquietante, oferecera o gerbo à sobrinha, que ficara encantada com a prenda, e dera instruções ao seu Secretário Particular para mandar retirar da parede o retrato do homenzinho feio que lhe anunciara a chegada de Fudge. Todavia, para grande consternação do Primeiro-Ministro, foi impossível retirar o retrato. Depois de vários carpinteiros, um ou dois trabalhadores da construção civil, um historiador de arte e o Ministro das Finanças terem todos, sem êxito, tentado

arrancá-lo da parede, o Primeiro-Ministro abandonara a tentativa e limitara-se a ter esperança de que aquela coisa permanecesse quieta e silenciosa até ao final do seu mandato. Ocasionalmente, seria capaz de jurar que, pelo canto do olho, via o ocupante do quadro a bocejar, ou então a esfregar o nariz; até mesmo, numa ou duas ocasiões, a sair simplesmente da moldura, deixando atrás de si nada para além duma porção de tela de cor castanho-lama-centa. No entanto, treinara-se para evitar olhar para o retrato com muita frequência, e para, de todas as vezes que isto acontecia, dizer a si próprio que os seus olhos o estavam a enganar.

Então, três anos atrás, numa noite muito parecida com aquela, o Primeiro-Ministro encontrava-se sozinho no seu gabinete quando o retrato anunciara uma vez mais a chegada iminente de Fudge, que irrompera da lareira, encharcado da cabeça aos pés e num estado de pânico considerável. Antes de o Primeiro-Ministro ter tempo de lhe perguntar por que é que lhe estava a pingar o tapete de Axminster todo, Fudge começara a vociferar acerca duma prisão de que o Primeiro-Ministro nunca ouvira falar, dum homem chamado «Círios» Black, de qualquer coisa que soava a Hogwarts e dum rapaz chamado Harry Potter, nenhum dos quais fazia o mais remoto sentido para o Primeiro-Ministro.

— ... acabei de chegar de Azkaban — anunciara Fudge ofegante, despejando uma porção considerável de água da aba do chapéu de coco para dentro da algibeira. — Do meio do Mar do Norte, sabe, um voo terrível... os Dementors estão em polvorosa... — estremeceu —, é a primeira vez que têm de enfrentar uma fuga. Mas passemos adiante... fui obrigado a vir ter consigo, Primeiro-Ministro. O Black é um famoso assassino de Muggles e pode estar a planear tornar a juntar-se ao Quem-Nós-Sabemos... mas, é claro, o senhor não sabe quem é o Quem-Nós-Sabemos! — Fixara o seu olhar de desespero no Primeiro-Ministro durante alguns instantes, depois decidira: — Bom, sente-se, sente-se, o melhor é pô-lo a par da história toda... Sirva-se dum *whisky*...

O Primeiro-Ministro ficara bastante ofendido por o mandarem sentar no seu próprio gabinete, já para não falar em oferecerem-lhe do seu próprio *whisky*, mas, apesar disso, sentou-se. Fudge puxara da varinha, fizera aparecer do nada dois grandes copos com um líquido cor de âmbar, enfiara um deles na mão do Primeiro-Ministro e puxara duma cadeira.

Fudge falara durante mais de uma hora. A certa altura, recusara-se a pronunciar um determinado nome em voz alta, prefe-

rindo optar por escrevê-lo num pedaço de pergaminho, que enfiara na mão do Primeiro-Ministro que não segurava o *whisky*. Quando se levantara para se ir embora, o Primeiro-Ministro seguirá-lhe o exemplo.

— Então, está mesmo convencido de que... — deitou uma olhadela ao nome que tinha na mão esquerda — Lord Vol...

— *Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado!* — vociferou Fudge.

— Desculpe... está convencido de que *Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado* ainda esteja vivo, é isso?

— Bom, o Dumbledore alega que sim — respondeu Fudge, enquanto abotoava o manto às risquinhas debaixo do queixo —, mas nunca o encontramos. Se quer saber a minha opinião, ele só é perigoso se tiver gente a ajudá-lo, por isso é com o Black que nos devíamos preocupar. Então vai divulgar um aviso, não é verdade? Ótimo. Bom, espero que não nos tornemos a ver, Primeiro-Ministro! Boa noite.

Mas tinham-se tornado a encontrar. Ainda não tinha passado um ano, um Fudge com um ar atormentado tinha surgido do nada no Gabinete para informar o Primeiro-Ministro de que ocorrera uma situação desagradável na Taça Mundial de «Kwidditch» (ou pelo menos foi isso que ele percebeu) e que vários Muggles tinham estado «envolvidos», mas que não havia necessidade de o Primeiro-Ministro se preocupar, pois o facto de a Marca do Quem-Nós-Sabemos ter sido novamente vista não significava nada; Fudge tinha a certeza de que se tratava dum incidente isolado e que o Gabinete de Relações com os Muggles se estava nesse preciso momento a encarregar de todas as modificações de memória.

— Oh, já me ia esquecendo — acrescentara Fudge. — Vamos importar três dragões estrangeiros e uma esfinge para o Torneio dos Três Feiticeiros, um procedimento de rotina, contudo, o Departamento de Regulação e Controlo das Criaturas Mágicas avisou-me de que os estatutos prevêm que temos de notificá-lo sempre que quisermos trazer criaturas de elevada perigosidade para dentro do país.

— Eu... o quê... *dragões*? — balbuciou o Primeiro-Ministro.

— Sim, três — confirmou Fudge. — E uma esfinge. Bem, desejo-lhe um bom dia.

O Primeiro-Ministro esperara para lá de tudo o que seria razoável que os dragões e as esfinges fossem o pior, mas não. Passados menos de dois anos, Fudge tornara a irromper das chamas, desta feita para trazer a notícia de que ocorrera uma evasão em massa de Azkaban.

— Uma evasão *em massa*? — repetira o Primeiro-Ministro com voz rouca.

— Não se preocupe, não se preocupe! — gritara-lhe Fudge, já com um pé dentro das chamas. — Não tarda, já os teremos apanhado a todos... Só achei que devia ser informado!

E antes que o Primeiro-Ministro tivesse oportunidade de gritar: «Olhe, espere um instante!», Fudge desaparecera, envolvido numa chuva de faíscas verdes.

Independentemente do que a oposição e a imprensa pudessem dizer, o Primeiro-Ministro não era nenhum tolo. Não deixara de reparar, apesar das garantias que Fudge lhe apresentara no primeiro encontro de ambos, que andavam agora a ver-se com muita frequência, nem que Fudge se mostrava cada vez mais agitado a cada nova visita. Por muito que lhe desagradasse pensar no Ministro da Magia (ou, como ele sempre chamava a Fudge para com os seus botões, o *Outro* Ministro), o Primeiro-Ministro não podia conter o receio de que, da próxima vez que Fudge lhe aparecesse, fosse para trazer notícias ainda piores. Por conseguinte, ver Fudge a sair novamente da lareira, desalinhado, irritado e genuinamente surpreendido por o Primeiro-Ministro não saber ao certo o que o trazia ali, fora o pior acontecimento duma semana já de si extremamente deprimente.

— Como é que queria que eu soubesse o que se passa na... hã... comunidade de feiticeiros? — retorquiu o Primeiro-Ministro neste momento. — Tenho um país para governar e preocupações que me cheguem, só me faltava agora...

— Temos ambos as mesmas preocupações — interrompeu-o Fudge. — A ponte de Brockdale não caiu por desgaste. Aquilo não foi ciclone nenhum. Aqueles homicídios não foram obra de Muggles. E a família do Herbert Chorley ficaria mais segura sem ele. Estamos neste momento a envidar esforços para que ele seja transferido para o Hospital de São Mungus de Doenças e Lesões Mágicas. A transferência deverá ser efectuada esta noite.

— O que quer... Receio não estar a... *O quê?* — vociferou o Primeiro-Ministro.

Fudge inalou longa e profundamente e disse: — Primeiro-Ministro, lamento imenso ter de o informar de que ele regressou. Aquele *Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado* está de volta.

— De volta? Quando diz «de volta», quer dizer... que ele está vivo? Afinal...

O Primeiro-Ministro vasculhou a memória à procura de detalhes daquela conversa horrível de três anos atrás, quando Fudge lhe con-

tara a respeito do feiticeiro mais temido de todos, o feiticeiro que cometera milhares de crimes hediondos antes de desaparecer misteriosamente, fazia agora quinze anos.

— Vivo, sim — confirmou Fudge. — Isto é... não sei... Será que se pode afirmar que um homem que não pode ser morto está vivo? Eu não percebo lá muito bem, e o Dumbledore não me explica como deve ser... Mas, seja como for, não há dúvida de que ele tem um corpo que anda, fala e mata, por isso, suponho eu, para os efeitos desta nossa conversa, sim, está vivo.

O Primeiro-Ministro não sabia o que responder a isto, mas um hábito persistente de desejar parecer bem informado qualquer que fosse o assunto que viesse à baila levou-o a agarrar-se a todos os detalhes de que se conseguisse lembrar das suas conversas prévias.

— O Sirius Black está com... hã... Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado?

— O Black? O Black? — indagou Fudge distraído, girando o chapéu de coco rapidamente entre os dedos. — Refere-se ao Sirius Black? Pelas barbas de Merlin, não. O Black morreu. Acontece que nós estávamos... hã... enganados a respeito do Black. Afinal, ele estava inocente. E também não era conivente com Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Quer dizer — acrescentou na defensiva, fazendo girar o chapéu ainda com maior rapidez —, todos os indícios apontavam... tínhamos mais de cinquenta testemunhas oculares... mas, seja como for, é como eu lhe digo, ele morreu. Foi assassinado, para ser mais preciso. Nas instalações do Ministério da Magia. Na realidade, até será instaurado um inquérito...

Para sua grande surpresa, neste momento o Primeiro-Ministro sentiu uma ligeira pontada de compaixão por Fudge. Contudo, esta foi quase de imediato substituída por um fulgor de presunção ao pensar que, por muitas lacunas que pudesse apresentar na área da Materialização de dentro de lareiras, nunca ocorrera nenhum homicídio em nenhum dos departamentos governamentais sob a *sua* alçada... bom, pelo menos até ao momento...

Enquanto o Primeiro-Ministro dava três pancadinhas sub-rep-tícias na madeira da sua secretária, Fudge prosseguia: — Mas o Black já não vem a propósito. A questão é que estamos em guerra, Primeiro-Ministro, e há medidas que têm de ser tomadas.

— Em guerra? — ecoou o Primeiro-Ministro, nervoso. — Com certeza haverá aí um certo exagero, não?

— Os seguidores de Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado que se evadiram de Azkaban em Janeiro já se lhe reu-

niram — afirmou Fudge, falando cada vez mais rápido e girando o chapéu de coco tão depressa, que não passava agora duma mancha verde-lima. Desde que revelaram a sua presença, têm vindo a semear a destruição e o caos. A ponte de Brockdale... foi ele, Primeiro-Ministro, ele ameaçou realizar um massacre de Muggles a menos que eu lhe deixasse o caminho livre e...

— Santo Deus, então a culpa de aquelas pessoas terem morrido é *sua*, e eu vou ter de responder a perguntas sobre cabos enferrujados e juntas de expansão carcomidas e sei lá mais o quê! — exclamou o Primeiro-Ministro, furioso.

— A culpa é *minha*! — insurgiu-se Fudge, enrubescendo. — Está a querer dizer-me que teria cedido à chantagem assim sem mais nem menos?

— Talvez não — admitiu o Primeiro-Ministro, levantando-se e começando a andar a passos largos pela sala —, mas envidaria todos os esforços para apanhar o chantagista antes de ele cometer uma atrocidade tamanha!

— Então e acha que eu não andava já a envidar todos os esforços? — retorquiu Fudge, exaltado. — Todos os Aurors do Ministério estavam... e estão... a tentar encontrá-lo e a encurralar os seus seguidores, mas acontece que estamos a falar de um dos mais poderosos feiticeiros de todos os tempos, um feiticeiro que há quase três décadas consegue fugir à captura!

— Suponho, então, que agora me vai dizer que o ciclone na zona ocidental do país também foi da responsabilidade dele? — disse o Primeiro-Ministro, mais irritado a cada passada que dava. Era de fazer perder as estribeiras, descobrir o motivo de todas aquelas terríveis calamidades e não poder informar o público; quase pior que se a responsabilidade fosse, de facto, do governo.

— Não houve ciclone nenhum — disse Fudge com ar infelíssimo.

— Desculpe! — vociferou o Primeiro-Ministro, que agora estava nitidamente a bater com os pés com toda a força no chão. — Árvores desenraizadas, telhados arrancados, postes de iluminação arqueados, ferimentos horríveis...

— Foram os Devoradores da Morte — adiantou Fudge. — Os seguidores de Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. E... suspeitamos do envolvimento de gigantes.

O Primeiro-Ministro deteve-se abruptamente como se tivesse embatido contra uma parede invisível.

— *Do envolvimento de quem?*

Fudge fez uma careta. — Ele usou gigantes da última vez, quando quis provocar um efeito grandioso. O Gabinete de Desin- formação tem andado a trabalhar dia e noite, temos equipas de Obliviators na rua a tentar alterar as memórias de todos os Muggles que viram o que na realidade se passou, temos a maior parte do Departamento de Regulação e Controlo de Criaturas Mágicas a varrer o Somerset, e não conseguimos encontrar o gigante... Tem sido um desastre.

— Não me diga! — exclamou o Primeiro-Ministro, enfurecido.

— Não vou negar que o moral tem andado bastante em baixo no Ministério — reconheceu Fudge. — Bom, com tudo o que se passou e depois da perda da Amelia Bones.

— Da perda de quem?

— Da Amelia Bones. A Chefe do Departamento de Execução da Lei Mágica. Julgamos que poderá ter sido Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado em pessoa a tê-la assassinado, porque se tratava duma feiticeira particularmente dotada... e todas as provas apontam para que ela tenha oferecido grande resistência.

Fudge clareou a voz e, com algum esforço, ao que parecia, parou de girar o chapéu de coco.

— Mas esse homicídio surgiu nos jornais — observou o Primeiro-Ministro, momentaneamente distraído da sua fúria. — Nos *nossos* jornais. Amelia Bones... informavam apenas que se tratava duma mulher de meia-idade e que vivia sozinha. Foi uma... uma morte dolorosa, não é verdade? Já seria de prever que fosse bastante noticiada. A polícia está estupefacta, sabe.

Fudge soltou um suspiro. — Bom, nem podia deixar de estar. Foi morta numa sala trancada por dentro, não foi? Nós, pelo contrário, sabemos exactamente quem é o responsável, não que isso nos adiante de alguma coisa para conseguirmos prendê-lo. E depois há o caso da Emmeline Vance, talvez não tenha ouvido falar de nada a esse respeito...

— Ai isso é que ouvi! — ripostou o Primeiro-Ministro. — Por acaso, até ocorreu aqui mesmo à esquina. Os jornais andaram num rebuliço o dia todo com isso: *Violação da lei e da ordem nas traseiras do Primeiro-Ministro...*

— E como se tudo isso já não bastasse — prosseguiu Fudge, mal prestando atenção ao Primeiro-Ministro —, temos agora os Dementors a invadirem-nos por todo o lado, a atacar pessoas a torto e a direito...

Em tempos mais felizes, esta frase teria sido ininteligível para o Primeiro-Ministro, mas agora ele tinha uma visão mais clara das coisas.

— Eu pensei que os Dementors guardavam os prisioneiros de Azkaban? — disse ele cautelosamente.

— Pois guardavam — assentiu Fudge num tom fatigado. — Mas agora já não guardam. Desertaram da prisão e juntaram-se a Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Não vou fingir que não foi um duro golpe.

— Mas — continuou o Primeiro-Ministro, com uma sensação de horror crescente —, mas não me contou já que são eles as criaturas que sugam a esperança e a felicidade do coração das pessoas?

— É isso mesmo. E estão a reproduzir-se. É isso que tem ocasionado todo este nevoeiro.

O Primeiro-Ministro deixou-se cair, enfraquecido, na cadeira mais próxima. A ideia de criaturas invisíveis a precipitarem-se sobre as cidades e os campos, a espalharem a infelicidade e o desespero entre os seus eleitores, dava-lhe a sensação de estar prestes a desmaiar.

— Ouça lá, Fudge... tem de fazer alguma coisa! É sua responsabilidade enquanto Ministro da Magia!

— Meu caro Primeiro-Ministro, está mesmo convencido de que eu ainda sou Ministro da Magia depois de tudo o que aconteceu? Fui posto na rua há três dias! A comunidade de feiticeiros em peso andava há duas semanas a exigir a minha demissão. Nunca os vi tão unidos durante todo o meu mandato! — exclamou Fudge, esboçando corajosamente um leve sorriso.

O Primeiro-Ministro ficou momentaneamente sem saber o que dizer. Não obstante a sua indignação perante a posição em que tinha sido colocado, não podia deixar de sentir alguma pena do homem com ar abatido sentado à sua frente.

— Lamento profundamente — acabou ele por dizer. — Há alguma forma de poder ajudá-lo?

— É muito amável da sua parte, Primeiro-Ministro, mas não há nada a fazer. Enviaram-me aqui esta noite para lhe dar notícias actualizadas sobre os últimos acontecimentos e para lhe apresentar o meu sucessor. Estava à espera de que a esta hora ele já tivesse chegado, mas é claro que neste momento, com tanta coisa a acontecer ao mesmo tempo, se encontra sobrecarregado de trabalho.

Fudge virou-se para olhar para o retrato do homenzinho feio com o bigode prateado, comprido e encaracolado, que estava a enfiar uma pena de escrever no ouvido.

Quando o seu olhar se cruzou com o de Fudge, o retrato disse: — Ele não demora nada, está só a acabar de escrever uma carta ao Dumbledore.

— Desejo-lhe boa sorte — disse Fudge, deixando transparecer amargura pela primeira vez. — Andei a escrever duas vezes por dia ao Dumbledore durante os últimos quinze dias, mas ele está inabalável. Se ao menos estivesse disposto a convencer o rapaz, eu ainda poderia... Bom, talvez o Scrimgeour se saia melhor.

Fudge mergulhou no que era obviamente um silêncio de mágoa, mas este foi interrompido quase de imediato pelo retrato, que subitamente declarou na sua voz nítida e oficial:

— Ao Primeiro-Ministro dos Muggles. Requerimento para um encontro. Urgente. Por favor, responda de imediato. Rufus Scrimgeour, Ministro da Magia.

— Pronto, pronto, está bem — acedeu o Primeiro-Ministro com ar distraído, e mal teve tempo para se desviar quando as chamas na lareira tornaram a ficar verde-esmeralda, se elevaram e revelaram um segundo feiticeiro a girar por entre elas, expelindo-o passados uns instantes para o tapete antigo. Fudge levantou-se da cadeira, e, após uma breve hesitação, o Primeiro-Ministro seguiu-lhe o exemplo, vendo o recém-chegado a endireitar-se, sacudir a poeira do seu longo manto negro e olhar em seu redor.

A primeira ideia tola que ocorreu ao Primeiro-Ministro foi que Rufus Scrimgeour¹ lhe fazia lembrar imenso um leão velho. Viam-se madeixas grisalhas na sua juba fulva e nas sobrancelhas espessas; tinha uns olhos penetrantes amarelados por detrás das lentes dos óculos de armação metálica e uma certa graciosidade esguia e ágil, embora apresentasse um leve coxear. Causava de imediato uma impressão de astúcia e tenacidade; o Primeiro-Ministro julgava poder compreender qual o motivo de a comunidade de feiticeiros preferir Scrimgeour a Fudge como líder naqueles tempos perigosos.

— Muito prazer — cumprimentou-o o Primeiro-Ministro educadamente, estendendo-lhe a mão.

Scrimgeour deu-lhe um breve aperto de mão, os seus olhos a perscrutarem a sala, e em seguida tirou uma varinha de debaixo do manto.

¹ Rufus significa ruivo em latim. (NT)

— O Fudge contou-lhe tudo? — interrogou-o, dirigindo-se à porta a passos largos e batendo com a varinha na fechadura. O Primeiro-Ministro ouviu a porta a fechar-se com um estalido.

— Hã... sim — confirmou o Primeiro-Ministro. — E, se não se importar, preferia que essa porta não ficasse trancada.

— Eu prefiro que não sejamos interrompidos — retorquiu Scrimgeour com secura —, nem vigiados — acrescentou, apontando com a varinha para as janelas de forma que as cortinas se corressem sozinhas. — Bom, bem, eu sou um homem muito ocupado, por isso vamos já ao que interessa. Antes de mais nada, precisamos de discutir a questão da sua segurança.

O Primeiro-Ministro endireitou-se o mais que a sua altura lhe permitia e retorquiu: — Estou perfeitamente satisfeito com a segurança de que disponho neste momento, muitíssimo obrigado...

— Bom, mas nós não estamos — interrompeu-o Scrimgeour. — As perspectivas não serão muito animadoras para os Muggles se o Primeiro-Ministro deles for posto sob o efeito duma Maldição Imperius. O novo secretário do seu gabinete exterior...

— Eu não me vou ver livre do Kingsley Shacklebolt, se é isso que está a querer sugerir! — exclamou o Primeiro-Ministro todo exaltado. — Ele é extremamente eficiente, é capaz de despachar o dobro do trabalho de todos eles juntos...

— Isso é porque se trata dum feiticeiro — esclareceu Scrimgeour, sem o mais leve sorriso. — Um Auror altamente treinado, que foi designado para o proteger.

— Alto, espere aí um momento! — declarou o Primeiro-Ministro. — O senhor não pode andar por aí a infiltrar pessoas no meu gabinete, eu é que decido quem trabalha para mim...

— Eu pensei que estivesse satisfeito com o Shacklebolt? — retorquiu Scrimgeour friamente.

— E estou... isto é, estava...

— Então, não há problema nenhum, pois não? — concluiu Scrimgeour.

— Eu... bom, desde que o trabalho do Shacklebolt continue a ser... hã... excelente — decidiu o Primeiro-Ministro em tom pouco convincente, mas Scrimgeour mal parecia ouvi-lo.

— Agora, relativamente ao Herbert Chorley... o seu secretário de estado — prosseguiu. — Aquele que tem andado a divertir o público imitando um pato.

— O que é que se passa com ele? — indagou o Primeiro-Ministro.

— É óbvio que se trata duma reacção a uma Maldição Impe-rius mal realizada — afirmou Scrimgeour. — Confundiui-lhe as ideias, mas ele ainda pode ser perigoso.

— A única coisa que ele faz é grasnar! — exclamou o Primeiro-Ministro com voz débil. — Com certeza uns dias de des-canso... talvez se não abusar tanto da bebida...

— Uma equipa de Curandeiros do Hospital de São Mungus de Doenças e Lesões Mágicas está neste preciso momento a examiná-lo. Até agora, já tentou estrangular três deles — explicou Scrimgeour. — Creio que será melhor se o afastarmos da socie-dade dos Muggles por uns tempos.

— Eu... bem... ele vai recuperar, não vai? — perguntou o Primeiro-Ministro ansiosamente. Scrimgeour limitou-se a enco-lher os ombros, já a encaminhar-se para a lareira.

— Bom, parece-me que já disse tudo quanto tinha a dizer. Mantê-lo-ei informado de novos desenvolvimentos, Primeiro-Ministro... ou, pelo menos, se eu andar demasiado ocupado para vir aqui pessoalmente, o que é o mais provável, mandarei o Fudge. Ele aceitou permanecer na qualidade de consultor.

Fudge forçou um sorriso, mas em vão; apenas conseguiu fazer ar de quem tem dores de dentes. Scrimgeour já andava a vasculhar no bolso à procura do pó misterioso que tornava o fogo verde. O Primeiro-Ministro ficou um momento a olhar para ambos, desesperado, em seguida as palavras que andara toda a noite a con-ter saíram-lhe, por fim, de rompante:

— Mas, pelo amor de Deus... os senhores são *feiticeiros!* Podem fazer *magia!* Com certeza são capazes de resolver... bom... *seja lá o que for!*

Scrimgeour virou-se lentamente sem sair donde estava e tro-cou um olhar de incredulidade com Fudge, que desta feita con-seguiu mesmo esboçar um sorriso e dizer amavelmente: — O pro-blema, Primeiro-Ministro, é que o outro lado também sabe fazer magia.

E, dito isto, os dois feiticeiros penetraram um a seguir ao outro nas chamas verdes e desapareceram.